Leituras rebeldes: a presença de Maria Helena Souza Patto na História da Psicologia e da Educação

Marcelo de Abreu Maciel

Roger Chartier é um historiador de livros e leituras. Através de seu belo trabalho, Chartier não nos mostra apenas que o objeto livro e o processo leitura possuem uma história que deva ser contada; vai mais além, nos indicando que a formação e aumento de leitores a partir dos séculos XVI e XVIII trouxe uma reorganização da vida política, pública e privada no final destes séculos, principalmente na França. A possibilidade de possuir um livro impresso em suas mãos e de saber ler leva o indivíduo a “se emancipar dos antigos elos que o prendiam à comunidade numa cultura da fala e do gesto.” (CHARTIER, 2009: 28).

Trabalhando então numa mesma direção que o historiador Philippe Ariès, Chartier acredita que quando o ocidente passou a ter um maior domínio da leitura e, conseqüentemente, da escrita, isto mudou todo o cenário das sociedades modernas. Criou-se uma relação de intimidade e solidão entre o leitor e seu texto, contribuindo para o surgimento de uma outra ordem entre o registro do coletivo e a chamada vida privada familiar. A leitura silenciosa, sozinho, e a possibilidade de levar um livro consigo estabeleceram não somente novas práticas de leitura, mas fundaram uma nova situação entre o homem, a escrita e a circulação de ideias. (CHARTIER, 2009:113)

O livro e a leitura vieram interferir em todos os setores da vida pública. Desde o judiciário, passando pelo administrativo até problematizar e questionar aspectos da vida cotidiana, cultural e até mesmo religiosa na sua mais íntima relação com Deus. Ler e ter um livro veio redimensionar valores estabelecidos historicamente e transformar as ligações entre os indivíduos e o Estado.

Desde a revolução de Gutenberg, em meados do século XV, quando se passou a produzir livros a partir de caracteres móveis, que a nossa história com esse objeto mudou e continua mudando. São essas mudanças que Roger Chartier nos apresenta em sua produção historiográfica, nos levando a pensar as problemáticas históricas produzidas a partir do momento em que os livros passaram a ter uma circulação maior e mais fácil nas diversas sociedades. Esta facilidade, que espalhou livros por diversos países, favoreceu um maior contato com várias formas de pensamento e conhecimento,

despertando vigilância, controle e suspeita diante daquele objeto retangular e cheio de palavras que, em determinados contextos, poderiam ser muito perigosas. Se por um lado muitos livros foram protegidos, organizados, catalogados em bibliotecas, outros foram queimados, proibidos, na perspectiva vã de que, ao destruí-los, estariam também acabando com as ideias que portam e sustentam. (CHARTIER, 1998)

Até os dias atuais, alguns livros são assim, potencialmente revolucionários, inconvenientes ao que está estabelecido e sempre trazendo a possibilidade de uma mudança de direção no pensamento, alterando a leitura de determinadas situações em diversos campos da produção de conhecimento. Enfim, todas estas transformações trouxeram, como dirá o próprio Chartier, “o ordenamento do mundo do escrito” (CHARTIER, 1999:7).

Este ordenamento do mundo através da escrita e do livro não foi capaz de anular a maneira livre e crítica com que nos apossamos dos livros e dos autores. Como nos fala nosso historiador francês: “a leitura é por definição vadia e rebelde. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitas”. (CHARTIER, 1997:7)

A experiência de ser professor nos coloca muito perto deste mundo fascinante da leitura, das palavras, daqueles que escrevendo suas ideias, teses e descobertas, foram capazes de nos mobilizar com seus pensamentos. A sala de aula pode ser um espaço privilegiado de permanente leitura e descoberta coletiva de livros. Quando se trata de uma aula que trabalha com a História da Psicologia e suas interlocuções, como no meu caso, este mundo se amplia e nos impõe uma trilha cuidadosa, mas, ao mesmo tempo, fascinante pela possibilidade de transitar por entre muitos autores e livros que possam funcionar como máquinas de fazer pensar ou provocar desassossegos.

No que diz respeito a uma História da Psicologia no Brasil e, particularmente, seu diálogo com a Educação, a presença da professora Maria Helena Souza Patto é fundamental. Num país em que as estatísticas tanto encobrem a real situação de milhares de crianças e jovens nas diversas escolas públicas do Brasil, já que a análise governamental, muitas das vezes, se baseia apenas no aumento da quantidade de alunos que frequentam o ensino fundamental e médio, a presença de uma autora que, desde os anos 1980, vem produzindo sistematicamente um diálogo com este campo se faz sempre urgente para uma leitura rebelde dos encontros da Psicologia com o espaço escolar.

No início da década de 1980 é lançado *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*. Apesar do foco de diálogo ser a chamada psicologia

escolar, o livro se revela num texto que vem desvendar a maneira como a Psicologia se estabeleceu como uma ciência corretiva, ortopédica, adaptacionista, desde o aparecimento em solo norte-americano do chamado Funcionalismo. Enveredamos por uma psicologia comprometida com a seleção dos mais aptos, fortes e inteligentes. Mas, quem inventou estas categorias? Como foram formadas? Em que contexto histórico se dão? Uma Psicologia que, na palavra da própria Maria Helena, “forma técnicos da correção de “desvios”, da harmonização de “desequilíbrios”, da resolução de “crises”, da exclusão dos que resistem à norma, e, portanto, da conservação de uma determinada ordem social...” (PATTO, 1984:1).

Neste trabalho já encontramos uma crítica à suposta neutralidade da ciência e a ideia de que a Psicologia precisa saber que os fenômenos que estuda não podem ser pensados fora do campo das lutas políticas, dos jogos de poder e da historicidade que os compõe. Tendo a escola e a chamada psicologia escolar como alvo de suas críticas, este livro de 1982 não se resume a isto. Ele já é um chamado para ficarmos atentos a que tipo de teorias psicológicas estamos produzindo ou importando para dar conta de nossa realidade brasileira.

Vale ressaltar que as críticas da professora Maria Helena são direcionadas justamente para a educação e para a psicologia dirigidas às classes mais pobres. São eles que serão os “carentes”, “fracassados”, “pouco inteligentes”. A escola não! Esta é vista como abstrata, um lugar sem contradições, sem lutas. O que existe é a impossibilidade de aprender por parte dos mais pobres, que não são capazes de competir no mercado educacional liberal que já se anunciava nos anos 1980 e que, hoje, vemos reafirmado em diversos extratos da chamada educação formal.

Em 1990, Maria Helena Souza Patto lança *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia* - originariamente sua tese de livre docência, apresentada à Universidade de São Paulo em 1987. Neste livro, ela volta ao território escolar e lança a pergunta manifesto: quem fracassa na verdade? Livro rebelde e que, acredito, continua sendo referência para todos aqueles que querem adentrar neste diálogo com a escola. Mas não só! Livro fundamental para todos os que trabalham no campo da infância, pois sabemos que as escolas são uma das grandes fontes de encaminhamento de crianças e jovens para ambulatórios e consultórios de psicologia e psiquiatria. Portanto, se estamos do outro lado e recebemos estas crianças, “os fracassados”, nos nossos lugares de clínica, é preciso saber urgentemente o que querem

da gente. Até porque é neste encontro das práticas da educação com a saúde que “a desigualdade social é transformada em diferença individual e psíquica” (MACHADO, 1994:14).

Neste livro, então, Maria Helena vai atrás de saber como este fenômeno do fracasso é produzido e em que regimes históricos, científicos e sociais é criado. A professora Sylvia Leser de Mello escreve o prefácio da primeira edição e, nele, nos traz uma frase que resume bem o espírito do texto da professora Maria Helena: “Assim, Maria Helena apresenta um grande painel onde o leitor aprende, sobretudo, que as noções da ciência são, também, filhas da história” (MELLO, 2010:9).

Portanto, sendo nossas criações teóricas e técnicas engendradas em determinados momentos históricos, é preciso pensar como as teorias legitimadoras da opressão na escola foram produzidas, ou seja, que categorias são estas nas quais estas crianças e jovens se veem envolvidos e paralisados. Categorias que interrompem uma potência, um fluxo, um desejo de aprender, produzir conhecimento e fazer alguma coisa com isto que chamamos conhecimento. Foucault nos lembra, em “Os Anormais”, que a primeira vez que ouvimos a frase “Você vai acabar na força” é quando tiramos nota baixa na escola (FOUCAULT, 2001). Ele faz esta análise no momento em que discute a constituição dos discursos da penalidade moderna. Estas profecias se transformam em diversas outras cadeias discursivas emitidas por professores, familiares e, claro, pela Ciência.

Exercícios de Indignação (2005) e *Mutações do Cativo* (2000), coletâneas que reúnem escritos e ensaios de Maria Helena Souza Patto, conservam o mesmo tom indignado com que a autora conduziu seus estudos e pesquisas em torno da Psicologia, Educação e Política. São textos que abordam o tema da educação, da formação do psicólogo, da história da psicologia, da luta antimanicomial, além do excelente artigo sobre o historiador francês Jules Michelet, que abre o livro *Mutações do Cativo*.

Voltando então a nossa reflexão sobre os livros e suas histórias, acredito que ao olhar para o percurso de autores e seus livros no território da Psicologia no Brasil, a professora Maria Helena Souza Patto produziu uma obra que ainda se mantém rebelde. Em particular, quando meus alunos se interessam pelo espaço da escola, da educação, da infância, pelo processo de aprendizagem e as políticas educacionais, é a Maria Helena que recorro também, por acreditar que seu trabalho, sua pesquisa e seu texto continuam apontando para o inconformismo. Principalmente quando estes alunos já trazem uma preocupação com o cenário escolar ou quando sinto que, nas entrelinhas,

repetem um discurso que vai acabar no tal do “aluno problema”. Até porque, se somos psicólogos, parece que temos o dever de trabalhar nesta perspectiva que coloca no trono a tal da dificuldade de aprendizagem sempre estabelecida no indivíduo-aluno.

Através dos textos de Maria Helena, tento fazer com que os alunos se assustem, fiquem inquietos. Mesmo que ainda não possam, muitas vezes, alcançar a crítica trazida em seus escritos indignados, fica o ato de lhes apresentar um texto que guarda uma condução política em suas ideias; por isso, livros que sempre devem ser lidos e trabalhados. No cenário da educação atual, o trabalho de Maria Helena Souza Patto me parece bastante (in) pertinente. Ao entrar numa escola, ao ser psicólogo em diálogo com a educação, ao discutir as relações entre psicologia e políticas educacionais e de saúde, seus estudos devem fazer parte das nossas ferramentas.

Numa época em que muitos dos estudos educacionais se transformaram em mera análise de protocolos que são aplicados e analisados por gestores da educação, o trabalho da professora Maria Helena Souza Patto desvenda um campo de tramas políticas, históricas e de poder, na qual o sistema educacional se constitui. Portanto, dialogar com seu trabalho é continuar estabelecendo uma possibilidade de fazer leituras rebeldes tanto na História da Psicologia quanto na Educação.

Referências:

- CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. Em: CHARTIER, Roger. (org.) *História da Vida Privada, 3: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CHARTIER, Roger. Figuras da Modernidade (Introdução). Em: CHARTIER, Roger. (org.). *História da Vida Privada, 3: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília : Ed. UnB, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro, do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- MACHADO, Adriana Marcondes. *Crianças de classe especial: efeitos do encontro entre saúde e educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- MELLO, Sylvia Leser. Prefácio. Em: PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- PATTO, Maria Helena Souza. *Psicologia e Ideologia*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1984.

Marcelo de Abreu Maciel
Professor do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá
E-mail: mdabreu@uol.com.br